ESTE PAÍS É PARA VELHOS

Em 2060, Portugal será uma nação mais envelhecida do que nunca: terá três idosos por jovem, apenas duas pessoas em idade activa por cada reformado e taxas de natalidade e de imigração insuficientes para renovar a população. Como é que a sociedade se adaptará a esses tempos?

POR **LUÍS RIBEIRO** E **RICARDO FONSECA**

Quando lhe pedimos para dizer o nome e a idade dos filhos, António Pinto, 40 anos, faz uma pausa, para logo passar a *batata quente* à mulher. Madalena, que tem a mesma idade do marido, respira fundo e avança. «Inês, 15 anos, Mariana, 14, Tiago, 12, Maria, 9, Joana, 8, André, 7, Miguel, 5, José, 3, Mónica, 2, e Vera, 2 meses. Esqueci-me de alguém?» Nenhum dos quatro rapazes e seis raparigas que enchem a sala do apartamento T4, num prédio modesto, em Oeiras, se queixa.

Quem entre em casa da família Pinto, sem aviso prévio, julga que ali funciona uma creche clandestina. Em cima do louceiro estão cinco bolas de futebol; a um canto da sala, junto à porta que dá para a marquise, vêem-se sete pares de ténis de criança amontoados; ao lado, num armário, dezenas de jogos infantis.

A explicação de António (vendedor de T-shirts e brindes personalizados) para a excepcional dimensão da sua família é simples: «Temos os filhos que Deus quer.» Mas será que alguma vez sonhou com tamanha generosidade divina? «Nunca [*risos*]. No início da nossa relação, pensámos em ter, no máximo, cinco filhos. Já chegámos aos dois dígitos...» Apesar disso, o casal vive sem tomar quaisquer medidas contraceptivas, estando perfeitamente mentalizado para a chegada de mais crianças – o que, nos últimos 15 anos, tem acontecido ao ritmo de um bebé por cada ano e meio.

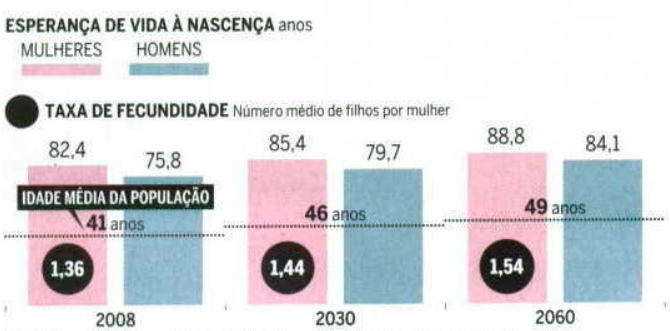
Esta marca da família Pinto é claramente uma excepção à regra. As últimas projecções realizadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) sobre a população residente em Portugal até 2060 confirmam um fenómeno que poderá trazer graves consequências: o do envelhecimento. O crescimento lento da taxa de fecundidade e o aumento progressivo da esperança média de vida fará com que, daqui a 51 anos, de acordo com aquele estudo, haja três idosos por cada jovem e que a população acima dos 64 anos cresça mais de 60 por cento. Mudanças que mexem com quase todos os campos: Segurança Social, Educação, Saúde... Em meio século, Portugal transformar-se-á num país muito diferente.

O RECEIO DE TER FILHOS

A Bíblia em exposição na sala da família Pinto revela a sua filosofia de vida. «Não nos podemos queixar de um dom que nos foi dado», diz António, que tem apenas um irmão. Desde a segunda gravidez que Madalena abandonou o sonho de dar seguimento à licenciatura em Economia. Decidiu ficar em casa e assumir a gestão do lar, sem a ajuda de empregada. «Demoro cerca de uma hora a prepará-los para sair de casa. Normalmente, tentamos tomar as ►

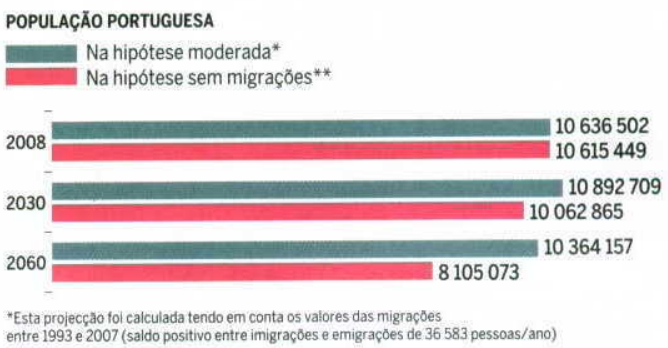
País de bengala

Nas projecções da população residente até 2060 há uma conclusão óbvia: o crescimento lento da taxa de fecundidade e o aumento da esperança média de vida vão provocar o envelhecimento da população



NOTA Uma taxa de fecundidade de 2,1 filhos por mulher é o valor necessário para se assegurar a substituição de gerações

FONTE Instituto Nacional de Estatística



*Esta projecção foi calculada tendo em conta os valores das migrações entre 1993 e 2007 (saldo positivo entre imigrações e emigrações de 36 583 pessoas/ano)

**Sem entradas nem saídas do território nacional

INFOGRAFIA AR/VISÃO

ILUSTRAÇÃO: HELDER OLIVEIRA/WHO

TRABALHAR MAIS A idade da reforma tende a aumentar – e as empresas serão obrigadas a contratar trabalhadores ditos idosos

Família Pinto Dez... por agora

A vida de Madalena e António Pinto é uma excepção à regra. Nos últimos 15 anos, o casal teve uma criança por cada ano e meio. E, se «Deus quiser», não se importam de ultrapassar a marca actual: 10 filhos. Madalena deixou de trabalhar para cuidar dos quatro rapazes e das seis raparigas, poupando assim nas creches e nas empregadas domésticas. «Não temos nenhum apoio do Estado», queixa-se António.

► refeições em conjunto, mas nem sempre é fácil», admite, enquanto estende a mão a Mónica, 2 anos, para que esta não caia.

O casal foi obrigado a adquirir duas carrinhas, uma de nove lugares e outra de sete. Antes de ligarem os motores, fazem uma última contagem dos filhos. «Andamos permanentemente a verificar se estão todos. E nunca vamos passear para centros comerciais, é muito arriscado», conta António. Mesmo uma simples volta de carro pela cidade pode tornar-se bizarra. «Uma vez, um polícia mandou-me parar e perguntou porque não tinha o dístico de transporte de crianças no vidro. Julgava-me motorista de um colégio. Quando lhe disse que os miúdos eram todos meus filhos, ele nem quis acreditar», relata Madalena.

António e Madalena remam contra a maré. A taxa de fecundidade média, em Portugal, fica-se pelos 1,36 filhos por mulher, muito abaixo do número mágico que permite a manutenção da espécie: 2,1 filhos. Meta, aliás, que nenhum país europeu consegue atingir. Os que mais se aproximam são a Islândia, com 2,08 filhos por mulher, e a França, com dois (nos últimos anos, os governos gauleses têm aprovado fortes medidas natalistas, como licenças de paternidade alargadas e creches muito baratas).

VELHOS? AINDA BEM

«Em Portugal, existe o receio de ter muitos filhos. É quase um estigma social», lamenta Ana Cid Gonçalves, 43 anos, vice-presidente da Associação de Famílias Numerosas. «Sei que há centros de saúde que, ao segundo filho, sugerem às parturientes a laqueação das trompas. E a carga fiscal é idêntica para uma pessoa que tenha três filhos e para outra que viva sozinha. Isso não faz sentido absolutamente nenhum», acrescenta, acusando as previsões do INE – um aumento da taxa de fecundidade até aos 1,54 filhos por mulher, em 2060 – de serem «demasiado generosas».

A fecundidade não é, no entanto, a solução milagrosa para parar ou inverter o envelhecimento. Um estudo da demógrafa Maria João Valente Rosa indicia que nem uma taxa de 2,2 filhos por mulher travará um aumento da idade média da população. «O motor de alimentação do processo de envelhecimento é a [cada vez mais tardia] mortalidade. É um mito que a natalidade impeça o envelhecimento», assegura a investigadora, 47 anos. A natalidade e a imigração, acrescenta, não passam de paliativos para um processo incurável.

Por outro lado, questiona, por que razão se olha para este fenómeno como uma

FOTOS: JOSÉ CARLOS CARVALHO

Ágata, Francisco e Tiago Um e chega

O casal de Cascais diz-se limitado pelas pressões da sociedade actual. «Os horários das escolas não são compatíveis com os da nossa vida profissional e as exigências de uma carreira nos dias de hoje», explica Ágata Clérigo sobre a opção de ter apenas um filho. «Preferimos ter só um filho e investir tudo na educação dele», acrescenta Francisco Amaral. «Este mundo globalizado não se coaduna com a família.»

catástrofe? «Eu fico contente por viver num país que está a envelhecer. É um sinal de desenvolvimento. O problema reside no modo como lidamos com esse facto», comenta. Usando a alegoria do magro que fica gordo mas teima em vestir a mesma roupa, Maria João Valente Rosa explica que não se deve tentar alterar a realidade, mas, sim, adaptar o País a essa realidade, através de uma reestruturação do sistema. Começando pela forma como se encara a velhice. «Pensa-se nos mais velhos como um fardo. Na verdade, é um desperdício de capital humano, nesta era do conhecimento. Os classificados dos jornais não podem continuar a publicitar ofertas de emprego apenas para jovens com menos de 30 ou 35 anos.»

O mercado de trabalho terá de se readaptar. E essa readaptação passa por uma mudança completa de mentalidade empresarial, que hoje assenta, em absoluto, em quadros jovens. «O aumento da idade da reforma, que será uma medida inevitável para sustentar o sistema da Segurança Social, revela-se um paradoxo absoluto em relação àquilo que actualmente é praticado pelas empresas, as quais apostam nas reformas antecipadas dos funcionários», critica Ana Alexandre Fernandes, 57 anos, criadora do mestrado em Envelhecimento Demográfico e Políticas Públicas, na Universidade Nova de Lisboa, e que tem vários estudos publicados sobre esta matéria.

O aumento da esperança de vida revolucionará, aliás, outros sectores, como a Educação. «As universidades e associações devem preparar-se para receber alunos idosos e criar cursos orientados para essa idade. Se vamos viver mais, temos de estar todos preparados para isso – é a chamada teoria da 2.ª carreira», explica Ana Alexandre Fernandes.

O FIM DA REFORMA AOS 65

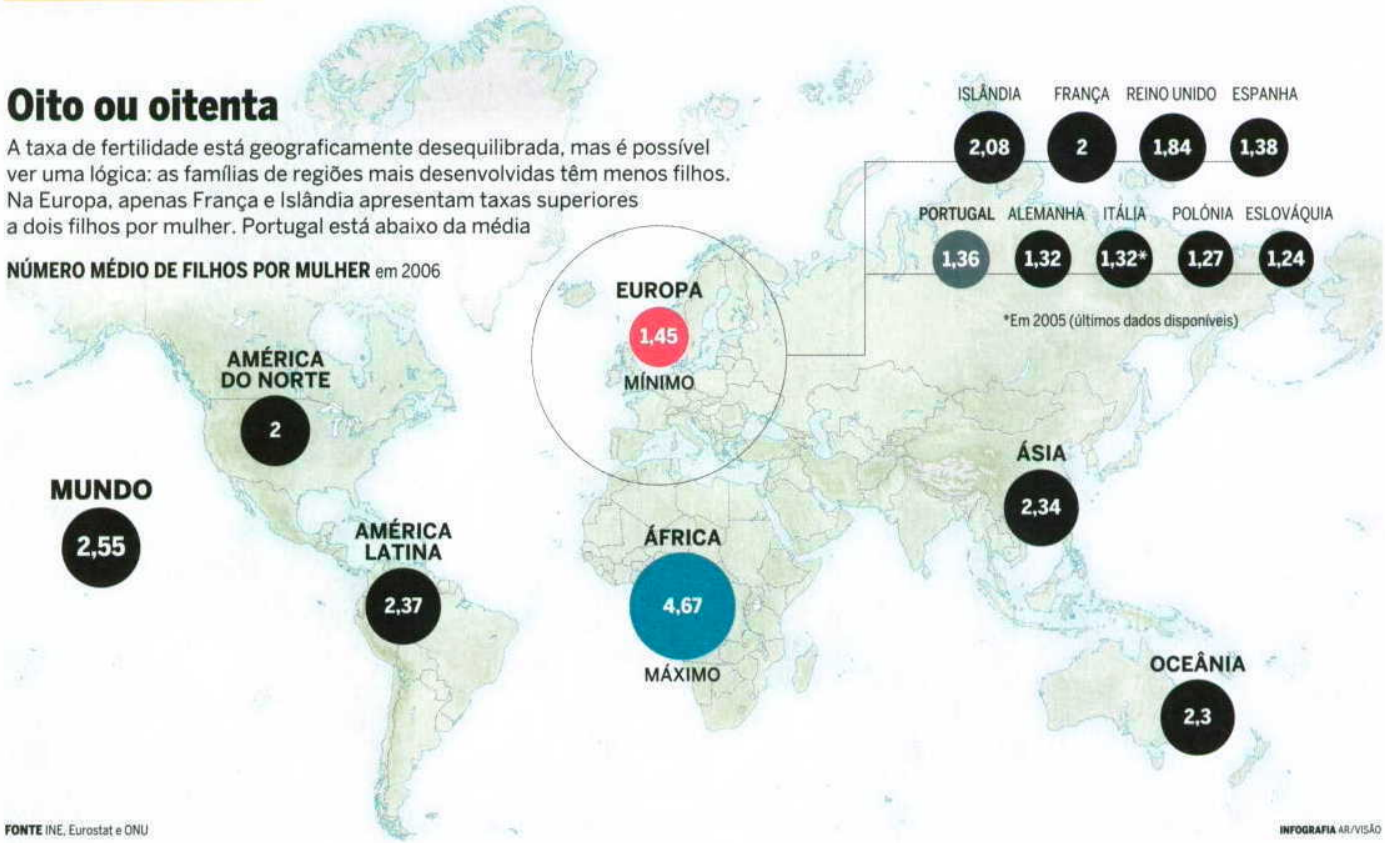
A bem ou a mal, o futuro terá de passar por um equilíbrio, nas empresas, entre jovens e idosos. Um esquema multigeracional, que aproveite o melhor de dois mundos: a renovação dos quadros, mantendo o dinamismo e a competitividade, mas tirando também partido da experiência e das novas competências que os mais velhos – obrigatoriamente – terão de adquirir. «O emprego para a vida será cada vez mais uma ilusão», avisa Fernando Ribeiro Mendes, 57 anos, professor no Instituto Superior de Economia e Gestão e presidente da Associação Portuguesa para a Responsabilidade Social das Empresas.

Estas mudanças não resolvem, só por si, os problemas de uma sociedade envelhecida. O crescimento da esperança de vida ►

Oito ou oitenta

A taxa de fertilidade está geograficamente desequilibrada, mas é possível ver uma lógica: as famílias de regiões mais desenvolvidas têm menos filhos. Na Europa, apenas França e Islândia apresentam taxas superiores a dois filhos por mulher. Portugal está abaixo da média

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS POR MULHER em 2006



FONTE INE, Eurostat e ONU

INFOGRAFIA AR/VISÃO

► terá de ser acompanhado por uma medida pouco popular mas tão certa como o envelhecimento: o aumento da idade a que os cidadãos podem reformar-se. «A falência do sistema de Segurança Social está prevista há mais de 15 anos, exactamente com base na tendência de envelhecimento da população e nos baixos níveis de fecundidade. O aumento da idade de reforma é adequado, até porque anda de mão dada com o da esperança de vida. A mensagem é clara – vives mais, trabalhas mais», diz Fernando Ribeiro Mendes. Mas as más notícias não se ficam por aqui. «À medida que o problema se agrava, diminuirá o valor das pensões.» No fundo, o Estado irá, gradualmente, transferir para o trabalhador a responsabilidade de assegurar a sua reforma.

Outra grande tendência do envelhecimento é a importância política da terceira idade. Dados estatísticos tratados no livro *Declínio da População e Envelhecimento no Japão* (um dos países com maior percentagem de idosos) demonstram que a fatia de população com mais de 65 anos já representava, nas eleições gerais de 2005, 25,3% do total de potenciais votantes, número que tende para um aumento progressivo. O mesmo estudo, de Florian Coulmas, director do Instituto Alemão para Estudos Japoneses, sublinha que este peso político era ainda maior, atendendo a que os idosos têm uma taxa de participação duas vezes superior à dos seus netos – nas mesmas eleições, 23,2% dos homens e 33% das mulheres com idades entre os 20 e os 29 anos abstiveram-se, ao passo que na faixa acima dos 60 anos, a abstenção não ultrapassou 3 por cento.

O que nos espera

Daqui a meio século, a população acima dos 64 anos passará dos actuais 1,8 milhões para 3,3 milhões de pessoas

Em 2060, haverá três idosos por cada jovem

Existirão duas pessoas em idade activa por cada idoso

Daqui a 50 anos, se excluirmos as migrações, o número de residentes em Portugal será de 8 910 684 pessoas (actualmente é de 10 636 502)

A esperança média de vida dos homens aproximar-se-á da das mulheres (82,3 anos para 87,9 anos)

PACÍFICOS... POR AGORA

Para Florian Coulmas, os níveis de participação cívica dos mais velhos têm uma tradução clara: «O envelhecimento leva ao aumento do voto idoso – que os políticos tentarão seduzir com cada vez maior ansiedade. (...) A sua influência na opinião pública e nas decisões políticas vai crescer. Nesse sentido, o Governo do Japão será mais e mais um Governo para os idosos», conclui o autor, no livro.

O peso político dos maiores de 65 anos também já se sente na Europa, sobretudo no Norte, diz Elísio Estanque, 55 anos, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Para já, recorda o sociólogo, essa influência revela-se no surgimento de estruturas associativas ligadas à terceira idade, em países como a Dinamarca, a Holanda e a Alemanha. Mas o poder reivindicativo dos idosos ainda não se revelou, o que poderá ►

VIDA LONGA Os idosos vão ter cada vez maior importância na sociedade

acontecer quando os seus interesses entrarem em rota de colisão com a futura necessidade de salvar o Estado-Providência. «O sistema ainda é sustentado. Por enquanto, as coisas funcionam», justifica Elísio Estanque. Ou seja, enquanto os governos não se virem obrigados a baixar pensões ou a aumentar a idade da reforma, a relação dos idosos com as políticas sociais e económicas mantém-se relativamente pacífica.

Não é só a Segurança Social como a conhecemos hoje que está em causa. Tal como as pensões, o acesso a um sistema universal de saúde tende a deixar de ser assegurado para lá de qualquer dúvida. Sobretudo sabendo-se que os custos do sector (e as listas de espera) se multiplicam com o envelhecimento da população. «Não é nada garantido que o Estado continue a fornecer cuidados gratuitos, pelo contrário», alerta a socióloga Maria das Mercês Covas, 54 anos, directora do curso de pós-graduação em Especialização em Sociologia – Família, Envelhecimento e Saúde, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve. «O caminho do País deverá passar por libertar despesas em relação à saúde. O papel do Estado é educar os cidadãos no sentido de optarem por uma vida mais saudável. Muitas doenças são comportamentais e, portanto, evitáveis. As pessoas têm de ser responsabilizadas.»

'Pensa-se nos mais velhos como um fardo, o que é um desperdício de capital humano, nesta Era do Conhecimento'

Maria João Valente Rosa, demógrafa

FAMÍLIA OU CARREIRA?

O Estado deve igualmente assumir as suas responsabilidades. E, independentemente das questões do envelhecimento da população, uma delas é assegurar as condições para que cada pessoa possa ter o número de filhos que deseja – estudos demonstram que a maior parte dos portugueses têm menos filhos do que gostariam.

Ágata Clérigo e Francisco Amaral, ambos com 37 anos, pertencem a essa maioria: têm apenas um filho (Tiago, 10 anos) porque, explicam, o Estado e as pressões da sociedade actual não lhes permitem criar mais nenhum. «Nós andámos em estabelecimentos de ensino públicos», lembra Ágata, profissional de comunicação empresarial. «Mas para o Tiago tal é impossível. Os horários das escolas não são compatíveis com os da nossa vida profissional e as exigências de uma carreira, nos dias de hoje.» É desta forma que 600 euros do orçamento familiar seguem todos os meses para um colégio privado. E, mesmo assim, Ágata levanta-se, todos os dias, às seis e meia da manhã para ir pôr o filho à escola e vai a correr para casa, ao fim da tarde, descurando eventuais ambições profissionais.

Mais: as fraquezas do Serviço Nacional de Saúde *obriga-os* a optar por pagar seguros e um pediatra particular. Somadas as parcelas, o casal concluiu que iriam sacrificar a sua qualidade de vida para fazerem a vontade a Tiago, que bem se esforça por convencer os pais a darem-lhe um irmão. «Pode parecer egoísta, mas não é. Preferimos ter só um filho e investir tudo na educação dele», justifica Francisco, *key account manager* de uma empresa em Lisboa. «Este mundo globalizado não é compatível com a família», remata.

Recordando o casal Pinto, dir-se-ia que só mesmo com um empurrãozinho de Deus se pode ter muitos filhos em Portugal.

JOSÉ CARLOS CARVALHO